REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO — VOLUME VIII — N.º 244

1 DE OUTUBRO 1885

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

Continuam ainda os festejos em honra de Capello e Ivens.

Os illustres exploradores tem sido em toda a parte onde apparecem, alvo das mais enthusiasticas ovações e a imprensa hespanhola enchendo-os de justissimos elogios louva egualmente a patria que tão enthusiasticamente, tão unanimemente sabe honrar os seus filhos gloriosos.

No dia 30 de setembro realisou-se, no Jardim Zoologico de Lisboa, o grande banquete promovido em honra dos heroicos exploradores pela Sociedade de Geographia.

Foi numerosissima a inscripção de socios para este banquete, que para tudo ter de bom até teve poucos discursos.

De bom, e podiamos dizer mesmo de hygienico, porque no fim de contas essa aluvião de discursos que desaba ordinariamente no fim de todos os banquetes festivos, não faz sómente mal aos ouvidos, faz mal á digestão, não causam apenas uma massada, podem originar uma dyspepsia.

E detesto enormemente os discursos á beira da sepultura, mas detesto muito mais ainda os discursos á beira da sobremesa.

Francamente, no fim de um jantar excellente, quando sabe deliciosamente fumar um bom charuto e de cavaquear largamente, sem cerimonias, no meio d'essa linguacidade expansiva que traz comsigo o bom humor, ouvir sentado n'uma cadeira, n'um silencio obrigatorio, uma sucia de discursos por mais eloquentes que elles sejam, é uma massada medonha.

O Padre Antonio Vieira não conseguiria arrancar das palpebras dos seus ouvintes o traiçoeiro somno da digestão, e José Estevão que quotidianamente levantava loucos enthusiasmos no parlamento, e provocava bravos estridentes dos labios dos seus mais encarniçados adversarios, difficilmente conseguiria um apoiado em frente de uma *charlotte russe* que está á espera de que a incetem, d'umas uvas moscateis que nos fazem negaças lá de longe, do alto das suas fructeiras.

Eu conheci um homem que tinha o costume selvagem de contar toda a historia da sua vida em jantares de festa.

E não era preciso que fosse festa regia. Em elle apanhando a uma mesa sete ou oito amigos, eil-o, em se desrolhando uma garrafa de *champagne*, eil-o, de taça em punho a narrar os seus primeiros vagidos n'este mundo de Christo.

— Meus senhores, nasci em 26 de fevereiro de mil oitocentos e quarenta e tantos, de paes de condição humilde, mas pobres e honrados, começava elle...

E ia por alli fóra devagarinho, anno a anno, e entrava no collegio e fazia exame d'instrucção primaria e sahia reprovado.

E aqui, umas tiradas longas sobre os revezes da vida, sobre as vicissitudes das escolas, sobre as organisações dos exames, os jurys, os professores de primeiras lettras, o diabo!

Depois voltava a fazer exame, matriculava-se no lyceu, e fazia o curso todo, que levava bem tres quartos de hora.

E em seguida entrava na vida laboriosa, no ganha-pão quotidiano.

Eu até me arrepio ao pensar em tudo isto.

Garanto-lhes, meus senhores, que é perfeitamente authentico este typo.

Já o metti uma vez n'um livro meu, e toda a gente chamou a isso uma *charge*.

Palavra que não é! E tanto que n'um dos ultimos jantares a que tive a má sorte de assistir com elle, não poude mais, e, quando elle estava nos cinco annos, a balbuciar as primeiras lettras do *A B C*, interrompi-o para lhe perguntar com a maior boa fé:

— Quantos annos tem o amigo?

— Quarenta e dois — respondeu-me elle muito admirado, parando o seu discurso.

— Bom, então tenho tempo de ir alli á Havaneza escolher uns charutos: ainda faltam trinta e sete.

Elle deitou-me uns olhos furiosos, e as nossas relações ficaram interrompidas desde esse dia — graças a Deus!

Pois, como diziamos, o jantar offerecido pelos socios da Sociedade de Geographia a Capello e Ivens rompeu até certo ponto com esta seccante tradição dos numerosos discursos.

Houve só quatro brindes, o que garante uma digestão muito mais regular.

No dia immediato a esse jantar, o dia em que esta chronica deve apparecer á luz, realisa-se na sala de espectaculo do theatro de S. Carlos a sessão solemne da Sociedade de Geographia, sessão em que os illustres exploradores farão leitura do relatorio da sua viagem.

Esta sessão deve ser interessantissima e de um grande alcance scientifico, pois n'ella se começará a ter conhecimento detalhado da importante travessia e dos valiosos trabalhos feitos pelos dois grandes exploradores.

VICE-ALMIRANTE VISCONDE DE SOARES FRANCO — FALLECIDO EM 13 DE SETEMBRO DE 1885

(Segundo uma photographia de Rocha)

O salão de espectaculo do theatro de S. Carlos é um pouco grande de mais para essa leitura. Theatro lyrico, construido expressamente para canto, o infeliz successo de todas as companhias de declamação que por alli teem passado mostra bem que, se aquella sala é excellente para cantar, não é grande coisa para falar.

Entretanto, a ter de optar entre S. Carlos e o Colyseu, não era permittida a hesitação.

E a Sociedade de Geographia teve que optar, porque o interesse de toda a gente de Lisboa em ouvir os grandes exploradores era tamanho, os empenhos de bilhetes para essa sessão eram tão numerosos, que não era possivel realisar a sessão em sala mais pequena, mais apropriada, e que assim mesmo o numero de descontentes por não terem obtido logar foi muito superior aos d'aquelles felizes que poderam n'essa noite ouvir ou imaginaram ouvir Capello e Ivens.

Depois d'essa conferencia, naturalmente na quarta-feira, 7 de outubro, effectuar-se-ha no theatro de D. Maria o sarau litterario e artistico promovido em honra dos illustres exploradores pela imprensa.

O producto d'esse sarau será applicado á fundação de uma escola de geographia colonial denominada Escola Capello e Ivens.

E terminadas estas festas, os illustres exploradores seguirão para o Porto, d'onde uma commissão veio a Lisboa expressamente solicitar a Capello e Ivens essa visita.

Os festejos que ahi se preparam serão tambem ruidosos e brilhantes, e nós todos sabemos como o Porto é bizarro quando se trata de honrar glorias nacionaes.

O theatro de D. Maria abriu as suas portas no sabbado, 26 de setembro, com um drama de Daudet que tinha a grande novidade de ser um drama com musica.

E o auctor d'essa musica é o pobre e malogrado Bizet, o glorioso auctor da *Carmen*, o que basta para dizer que a musica da *Arlesianna* é deliciosa.

Pois apesar de tudo isso o drama de Daudet não agradou, aconteceu-lhe aqui o mesmo que lhe aconteceu em Paris a primeira vez que se representou, ha um bom par de annos.

No anno findo a *Arlesianna* teve *successo* no Odéon, mas no fim de tudo esse *successo* de reconsideração pode attribuir-se a duas coisas: á celebridade que desde a primeira representação da *Arlesianna* até agora tem conquistado o nome de Daudet, e ao ruido que ultimamente se tem feito em torno do nome de Bizet, para quem a gloria começou depois da morte.

Como se sabe, a primeira vez que se representou a *Carmen*, a critica tratou duramente a opera e o publico quasi que não fez caso d'ella.

Só depois quando a deliciosa partitura começou a correr a Europa lyrica no meio d'ovações triumphaes, é que o publico e a critica de Paris reconsideraram sobre o seu *veredictum*.

E essa *amende honorable* foi ruidosa, foi uma acclamação enthusiastica do grande maestro ao principio desconhecido.

E d'ahi por diante o nome de Bizet começou a ser considerado e justamente como uma das mais brilhantes glorias da musica franceza contemporanea, e essa gloria espalhou-se por todas as suas obras mesmo aquellas que até então tinham passado desapercebidas.

E o parisiense vendo no Odeon uma obra d'arte em que collaboravam Bizet o seu maestro glorioso, e Daudet o seu romancista favorito, fez-lhe uma ovação enorme, ovação que pode muito bem ter-se dirigido muito mais aos seus auctores do que á obra.

Fosse como fosse, o que é certo é que a *Arlesiana* apesar da sua formosa musica e de ser posta em scena com o esmero, com que a empreza de D. Maria monta todos os seus espectaculos, não agradou.

Não podémos assistir á abertura do theatro e não vimos ainda a peça representada, mas connecemol-a de ha muito e não morremos d'amor por ella, como não morremos d'amor por nenhuma das peças de Daudet.

O theatro de Daudet tem o alto tom litterario que caracterisa o romancista do *Fromont jeune*, dos *Reis no exilio*, do *Ruma Noumertan*, mas é extremamente fraco e mediocre como obra theatral.

O *Yack*, a *Luc Tavernier*, o *Nababo*, os *Reis no exilio*, crêmos que postos em scena teriam o mesmo insuccesso que no Gymnasio teve ha annos o *Ultimo Idolo*, e que teve agora em D. Maria a *Arlesiana*.

E isto parece estar provando que se pode ser um grande romancista e ao mesmo tempo um detestavel auctor dramatico: veja-se o *Candidato do gigante Flaubert*, o *Bouton de Rose*, os *Herdeiros Raboudin*, do grande Zola.

E comprehende-se isto perfeitamente, no fim de contas, porque as qualidades *maitresses* que fazem os grandes romancistas realistas são completamente perdidas na obra theatral que a seu turno exige outras que a elles lhe faltam.

No dia em que este numero do Occidente sae a publico, começa a funccionar no edificio do ministerio do reino a grande sessão plenaria do Conselho Superior de Instrucção Publica.

É a primeira vez que se reune a sessão plenaria d'esse Conselho, que tão grandes serviços pode prestar á causa da instrucção em Portugal.

O Occidente occupar-se-ha largamente d'essa sessão, e dará proximamente os retratos de todos os membros tanto permanentes como electivos do Conselho Superior d'Instrucção Publica.

Gervasio Lobato.

O vice-almirante visconde de Soares Franco

Finou-se no dia 13 de setembro ultimo, pelas 11 horas da noite, este distincto official da marinha portugueza, apoz um longo padecimento, que resistiu a todos os esforços da medicina, empregados durante muito tempo em combatel-o.

Francisco Soares Franco, 1.º visconde de Soares Franco, nasceu em 1810, filho do doutor Francisco Soares Franco, medico e lente da universidade de Coimbra, e que deixou nome vantajosamente conhecido nas lettras e sciencia. Educado por um pae sabedor, e que devia á intelligencia e ao estudo a posição que occupava na sociedade, deu provas durante o curso de seus estudos de que sabia seguir as pisadas paternas.

Sympathisando com a carreira da marinha, que em todos os tempos foi honra da nação, assentou praça em 21 de julho de 1826, dez dias antes de ser solemnemente jurada a carta constitucional. Tinha então os estudos quasi completos, e por isso logo a 2 de abril de 1827 foi promovido a guarda-marinha. O periodo agitado de politica que então se seguiu, e a decidida tendencia do joven marinheiro para as ideas liberaes, bebidas no procedimento de seu pae, um dos ornamentos das cortes constituintes de 1821, fizeram-o dedicar-se de corpo e alma á causa da legitimidade de D. Maria II, contra a usurpação de seu tio e promettido esposo

Havia ido logo ao Algarve em 1827, e em seguida partiu para a India na nau de viagem, que então ainda uma ou duas vezes por anno fazia uma nau portugueza essa carreira. Apenas voltou apresentou-se ao governo da ilha Terceira, e logo, sob a direcção do almirante Sartorius, foi á Madeira, na impensada e malograda expedição, e em seguida foi empregado em cruzar nas aguas dos Açores, concorrendo para a reducção ao governo legitimo das ilhas d'este archipelago.

Fez parte da expedição que conduziu a Portugal o exercito libertador. Veio pouco depois com Sartorius ao bloqueio de Lisboa, e já a pag. 106 do presente volume dissemos rapidamente os successos d'essa expedição.

Mas se até aqui os seus serviços foram prestados sob as ordens de um chefe, ver-se-ha que quando obrar só desenvolverá os dotes de intelligencia, valor e energia que foi o apanagio da brilhante pleiade que compunha as forças liberaes.

Haviam os rebeldes construido baterias na margem esquerda do Douro, e Soares Franco, que commandava a escuna *Terceira*, teve que sustentar durante oito dias, de 12 a 20 de setembro, o fogo das baterias inimigas, respondendo sempre a elle, até que o seu navio foi a pique, salvando-se o commandante e alguma tripulação a custo, e abandonando o navio na ultima extremidade, obrigando, apesar d'isso, os inimigos a abandonarem a bateria. Poucos dias antes havia Soares Franco sido promovido a 2.º tenente (1 de setembro), e um louvor bem merecido e o grau de cavalleiro da Torre e Espada foi a recompensa do seu brioso e heroico procedimento Logo a 29 de setembro combate e guarnece com os seus marinheiros a bateria do *Captivo*, o que lhe vale outro elogio. Em 16 de abril do anno seguinte força a barra do Porto com o brigue-escuna *Liberal*, saindo por ella debaixo do fogo de todas as baterias inimigas, ao qual respondendo a elle, e protege o desembarque de mantimentos para os cercados.

Em julho parte com a expedição para o Algarve, e n'esse trajecto occupa as Berlengas, desembarcando com uma força de trezentas praças de marinhagem a 22 d'este mez. Reconhece mais tarde a serra de el rei, de 13 a 19 de setembro, com o barão de Sá da Bandeira, governador da praça de Peniche, onde desembarcou com a guarnição do brigue-escuna *Liberal*, por este serviço foi elevado a official da Torre e Espada; ao que se seguiram as outras acções de desembarque em S. Martinho, Nazareth, Pederneira e Figueira, sempre debaixo de fogo e com a guarnição do seu navio. Tempo depois, fazendo parte da esquadrilha do Tejo, faz o reconhecimento a Villa Nova da Rainha, occupando logo o flanco direito das linhas da capital.

A 18 de janeiro de 1834 tinha sido promovido a primeiro tenente e finda a campanha foi ainda encarregado de cruzar na Madeira e Açores em diversas épocas, tendo tido uma das vezes occasião de fazer restabelecer a ordem em um concelho da ilha das Flores; outra vez de proteger os habitantes da Terceira pela catastrophe da Villa da Praia; e ainda ultimamente de acudir com tal promptidão á galera americana *Julio Cesar*, que a poude salvar.

Em 1837, e então já capitão tenente desde 12 de janeiro de 1835, é encarregado de cruzar na costa da Galliza, e ahi manteve de tal modo a honra da bandeira portugueza, fazendo-se estimar pelos habitantes das povoações onde tocou, que o seu exemplar comportamento e da guarnição do seu navio, o brigue *D. Pedro*, foi recompensado com um merecido elogio, e com o grau de cavalleiro de Nossa Senhora da Conceição de Villa-Viçosa.

Não podemos precisar todas as commissões e serviços prestados por este distincto official, lembraremos só que tendo sido encarregado de cruzar nos Açores e Maranhão, e tendo ido a Montevideu, com tal firmeza, energia e prudencia se houve, que protegeu os subditos portuguezes que se queriam evadir ao serviço das embarcações brazileiras, o que estas não queriam permittir. A honra e a dignidade de bandeira portugueza foram por esta occasião nobremente levantadas. A commenda da Torre Espada foi a recompensa condigna d'este brioso serviço.

Graduado em 15 fevereiro de 1844, no posto de capitão de fragata, foi promovido á effectividade d'elle em 10 de juiho seguinte e em 30 de maio de 1847 a capitão de mar e guerra na florente edade de 37 annos. Aos 49 annos a 2 de novembro de 1859 foi elevado a chefe de divisão; a 23 de agosto de 1862 graduado em chefe de esquadra, a cuja effectividade foi promovido a 25 de abril de 1866 e a vice-almirante graduado a 28 de setembro do mesmo e á effectividade d'esse posto a 2 de outubro de 1873, no qual serviu cerca de 12 annos, em vista da estulta medida *economica*, que faz parar n'elle ou no de general de divisão a carreira militar, sem repararem, os que tal medida aconselharam, nos inconvenientes e contingencias que isso pode trazer aos nossos militares, quando um dia tiverem de concorrer em serviço com os de outras nações, onde não ha taes peas. Ao menos que se désse a graduação do posto de almirante ou de capitão general (não gostamos do marechal) áquelles que exercessem certo numero de annos o anterior, graduação que se tornaria effectiva para todos os effeitos em caso de campanha.

O visconde Soares Franco morreu pois, vice-almirante e commandante geral da armada, depois de ter commandado, além dos navios já nomeados, a nau *Vasco da Gama*, as fragatas *D. Maria II*, *Rainha* e *D. Fernando*, as corvetas *Iris* e *D João I*, o brigue *Serra do Pilar* e o patacho *S. Bernardo*; tres vezes commandou divisões navaes, e tambem exerceu o commando do corpo de marinheiros. Fôra elevado ao pariato em 30 de dezembro de 1862 de que tomou posse a 7 de janeiro seguinte exercendo na respectiva camara desde 2 de janeiro de 1868 o cargo de secretario.

Tendo muitos serviços de varias especies, honrado e considerado, baixou á sepultura o 1.º visconde de Soares Franco, tido como um bom official da armada.

Descance em paz o valente marinheiro.

J. B.

CONDE DE PODENTES

Com o declinar do seculo vão-se apagando os espiritos fortes, que resgataram a patria do dominio absoluto e déspota que lhe empanava todas as aspirações livres e nobres, soffocadas pelo baraço da forca, ou opprimidas e agrilhoadas nas masmorras das fortalezas.

A vida dos liberaes participou d'esses sacrificios e d'essas oppressões. A morte de uns vinha avigorar a vida de outros. Por cada victima sacrificada, surgiam novos liberaes que vinham expôr-se ás perseguições, ao supplicio e á prisão, como outras tantas provas por que tinham de passar, antes de triumpharem as suas generosas aspirações.

Contaram-se por centenas os bravos que se empenharam n'esta lucta do bem, hoje apenas se apontam os raros que restam. Tinham nascido com o seculo e com o seculo se vão para o occaso do tumulo.

Jeronymo Dias de Azevedo, conde de Podentes, pertenceu ao numero d'esses bravos, e soffreu como muitos d'elles, todos os tormentos e passou por todas as provas que lhe deviam robustecer as suas convicções de liberal, desde a forca em volta da qual teve que caminhar como qualquer malfeitor até ás masmorras de S. Julião da Barra onde jazeu por largo tempo.

Nascera no principio do seculo, a 7 de dezembro de 1805, e quando em 1826 frequentava a faculdade de medicina da Universidade de Coimbra, alistou-se no batalhão dos voluntarios academicos e foi combater na Beira Alta as tropas do governo.

Revelara-se o liberal e, portanto, principiava o sacrificio. Dado o primeiro passo era preciso continuar e o fogo da edade não deixava manifestarem-se resfriamentos, o enthusiasmo crescia com as perseguições. A liberdade era uma deusa que sorria á mocidade, como uma aspiração inebriante de amor que enlouquece.

O jugo era tamanho, que a reacção era colossal. Ás primeiras refregas, seguiu-se uma lucta quasi sem treguas, e em 1828 Jeronymo Dias de Azevedo era um dos maiores auxiliares da revolução de Coimbra de 22 de maio.

Encorporou-se no batalhão de caçadores 12, sob o commando de Francisco Xavier da Silva Pereira, depois conde das Antas, que partia para Miranda do Corvo e na ponte do Espinhal bateu a guerrilha miguelista do padre Crespo, de Castello Branco.

De combinação com seus dois irmãos Innocencio Elysio Dias de Azevedo e Antonio Dias de Azevedo e com Antonio Bernado da Costa Cabral, ao tempo juiz de fóra, em Penella, organisou uma guerrilha liberal com que muito incommodou as tropas do governo.

Estas façanhas eram outras tantas recommendações para o governo de D. Miguel, que por muito menos punha em campo as suas perseguições e os seus algozes.

Jeronymo Dias de Azevedo, foi preso no dia 29 de junho, proximo de Leiria, e remettido para o Porto.

A sentença lavrada pela alçada d'aquella cidade condemnou-o á morte, mas foi-lhe commutada a pena em degredo perpetuo, confisco dos bens e a dar tres voltas á roda da forca.

Em outubro de 1830 veio para Lisboa a bordo do hiate *Anjo da Paz* e deu entrada nas prisões de S. Julião da Barra a 4 de novembro. Veio de companhia com seu irmão Innocencio, que seguiu para o degredo de Rios de Sena, em 29 de março de 1831.

Jeronymo Dias de Azevedo ficou na Torre por falta de navio que o levasse para Benguella, terra do seu degredo, e com isto muito aproveitaram os seus companheiros de prisão, porque tinham em Azevedo um medico caridoso que os tratava das suas enfermidades produzidas na maior parte pelas pessimas condições das prisões.

Chegou a tratar do proprio governador Telles Jordão, de um seu filho e de um seu sobrinho, a quem curou de gravissimas enfermidades, e prestou iguaes serviços á officialidade e guarnição da fortaleza.

Quando, em attenção aos seus serviços medicos, lhe offereceram homenagem na praça e até perdão do governo, regeitou uma e outra coisa, continuando sempre a prestar a sua sciencia e a sua caridade, com uma abnegação evangelica, sem nunca receber um real da sua clinica, apesar de o não deixar folgar o cholera que em 1833 invadio tambem a fortaleza de S. Julião da Barra e suas cercanias.

Durante esse periodo desenvolveu o medico a maior actividade, conseguindo arrancar á morte a maioria dos seus doentes, dos quaes apenas morreram tres.

No meio d'aquelle assolador flagello tambem Jeronymo Dias de Azevedo foi accommettido pelo mal, em casa de Telles Jordão, em Oeiras.

Estava n'este estado, quando raiou o dia 24 de julho de 1833, o dia da liberdade tão ambicionada, e assim mesmo o foram buscar em triumpho os seus correligionarios, trazendo-o para Lisboa, onde esteve ainda doente por algum tempo.

* * *

A primeira commissão que desempenhou depois de estabelecido o governo liberal, foi a de guarda-mór de saude do porto, nomeado por um decreto em que se innumeravam os seus serviços á causa liberal, fazendo a devida justiça ao seu caracter honrado e convicções liberaes. Este decreto é de 21 de abril de 1834.

Foi depois eleito deputado ás cortes por diversas vezes, e escreveu varias memorias sobre questões de fazenda, que correm impressas com as datas de 1844.

Na revolução de 1846 fez parte da junta provisoria da Beira Alta, e assignou em Vizeu a representação da junta, dirigida á rainha em 26 de maio d'esse anno. Desempenhou os cargos de governador civil do Porto e de Vizeu, com geral agrado dos seus governados.

Agraciado com o titulo de visconde de Podentes em 8 de outubro de 1851, foi elevado a conde do mesmo titulo em 24 de novembro de 1868. Era par do reino, e entre outras condecorações tinha a medalha das campanhas da liberdade, algarismo n.º 9, que elle muito apreciava.

De ha muito retirado da vida activa politica, vivia no remanso da familia, e quando a morte o anniquillou a 19 de agosto ultimo, fez esse facto profunda impressão, porque era mais um bravo que desapparecia d'entre as dizimadas fileiras dos liberaes de 1833.

Duas familias distinctas da sociedade portugueza cobriram-se de luto. A familia Mendes, de Vizeu, e a familia Relvas, da Gollegã. Que lhe seja lenitivo a singela homenagem que o OCCIDENTE presta nas suas paginas, ao seu querido morto.

Caetano Alberto.

A FEIRA DE BELEM

Já lá vae o tempo das feiras lisboetas, que eram para nossos avós o acontecimento mais ruidoso do anno, e para a pacata Lisboa a diversão mais alegre e mais ambicionada que preoccupava a sua tradiccional goloseima, desde as queijadas da feira das Amoreiras, até ás peras cosidas da feira do Campo Grande.

Mas o tempo tudo muda, e se não se pode dizer precisamente, que, nem as queijadas nem as peras cosidas deixaram em absoluto de attrair os lisboetas, é todavia certo, que as feiras de Lisboa perderam completamente a sua primitiva feição de mercados annuaes, em que o povo se fornecia de certos generos, para se transformarem em uma simples diversão popular que poderá ter todos os attractivos baratos, disseminados n'uma infinidade de divertimentos para o espirito e de bons petiscos para o estomago, mas que já não tem o caracter de feira, nem mercado que se tome a serio pela sua importancia e necessidade.

Obras do progresso, que tudo modifica, substitue e inventa, anniquilando umas coisas, desenvolvendo outras e alterando, emfim, os costumes e usos por mais arreigados que elles estejam no espirito do povo.

Um bello dia, houve quem se lembrasse que as feiras podiam ser mais alguma coisa que um mercado de generos; podiam ser tambem um fóco de divertimentos, e d'ahi o apparecimento dos Dallots com o seu *Joaquim Confeiteiro*, a personmificação do palhaço portuguez, parodiando o velho Whittoyne, os *carrousel*, as mulheres torpillas, as gigantes e as barbudas, os meninos gordos, as figuras de cera, os cicloramas e os palacios encantados, os cavallinhos e os cafés cantantes, os pim pam puns e os tiros ao alvo, as exposições de feras e a phoca que toca guitarra, emfim, tudo quanto quizerem e appetecerem, menos as peças de panno de linho ou os cobertores de papa, o bom briche, toalhas e guardanapos, os cordões e as argollas de ouro, as meadas de linha, as chitas da terra, os tamancos, os capotes de palha, as varas de castanho e os cestos vendimos, as baixellas de cobre, e finalmente, todas essas coisas prosaicas que não regalam o estomago nem extasiam o espirito.

Opperou-se a transformação. As feiras já não podiam resistir á grande concorrencia que um sem numero de estabelecimentos de toda a especie, espalhados por toda a cidade e seus arredores, lhes faziam, vendendo tudo quanto lá se vendia, e mais o que lá não havia, e isto tudo mais barato que nas feiras.

As proprias fructas novas, verdes e sêccas deixaram de ser uma novidade das feiras de Belem e do Campo Grande. Já se não vae á feira de Belem para comprar os pecegos de Alcobaça, nem os peros das Caldas. Estas especialidades encontram-se mais cedo na Praça da Figueira, e a avidez com que dantes se procuravam estes fructos na feira, transformou-se em desdem e indifferença. Da velha tradicção só ha uma coisa que ainda resiste apesar da sua fragilidade; é a loiça do reino e a da Panasqueira, vendida esta por umas mulheres da côr da loiça, vestidas com umas saias e uns lenços da côr das mulheres, e isto conduzido n'uns burros da mesma côr; uma monotonia desconsoladora.

Depois d'isto só o que existe é o boisinho de papelão, animal anti diluviano decerto, porque em nada se parece com os bois que descendem da raça dos que Noé devia ter guardado na sua arca enorme. O fradinho de sabugo já custa a encontrar, e os classicos coraçõesinhos de jaspe com suas pregadeiras de velludilho tambem não são menos raros, entrando já nos dominios da archeologia.

Pobres corações!

Em compensação ha-os lá sem serem de jaspe nem de velludilho, ha-os de carne, ainda que um pouco dura, mas que, se não se vendem com tanta ou mais facilidade que os seus precursores, são pelo menos disputados a *cognac* barato e a *champagne* reles, com um *dessert* de facadas lá pela noite velha.

Restam ainda as gaitinhas de folha, as limonadas por uma chupeta com cavallinho, o burrié cosido, a fava torradinha, o tremosso saloio, as queijadas de pão de rala, e disse; mais nada, mesmo mais nada que mereça mencionar-se e que não tenha já passado á historia, desde a feira até aos meios de transporte.

Hoje tudo mudou de feição. Os vapores do sr. Burnay, os carros americanos e *Ripert* varreram para o entulho os antigos omnibus que levavam todo o dia para conduzirem cerca de 80 pessoas em quatro carreiras que faziam a 240 réis por cabeça. Era um ovo por um real!

O resto que fosse a pé ou em botes da carreira, ouvindo as pragas dos catraeiros e apanhando os beijos das ondas com uma semcerimonia de deixar tudo alagado e enjoado antes da festa.

O que a feira de Belem perdeu do seu caracter austero e utilitario, ganhou-o em pandega e futilidade. Já lá não vae ninguem gastar dinheiro para trazer alguma coisa, vae simplesmente gastal-o para não trazer nada.

E que se ha-de fazer no meio d'aquella pequena Babylonia de perdição.

Os pandegos depois de terem petiscado o bello mexilhão ou as sardinhas assadas, na segunda linha de barracas com ares de *restaurants*, sahem de lá muito satisfeitos e vem dar largas ao seu bom humor, partindo extravagantemente a loiça da Panasqueira, ou comprando gaitas, assobios, segaregas, tudo que faça bulha, no bazar dos tres vintens, e formando com isto uma orchestra infernal de instrumentos faceis, percorrem a feira aturdindo os ouvidos de quem está.

A este desconcerto vem juntar-se a musica infernal, assoprada e batida, das plataformas dos theatros baratos, em frente dos quaes se agrupa a multidão embasbacada na contemplação platonica de umas dançarinas de torna-viagem, que perpassam ante seus olhos, muito cheias de lantejolas e de meias sujas, sorrindo-se ou agastando-se com as chufas dos palhaços que incitam o auditorio a entrar e a largar um pataco por cabeça.

Para a esquerda e para a direita ouvem-se grandes gargalhadas e ditos muito frescos, soltados diante das barracas do pim pam pum, onde fervem as apostas em deitar abaixo o Bismarck, ou o Cura Santa Cruz, o soldado da municipal ou o lazarista, figurados em grosseiros bonecos de trapos, e derrubados, com grande gaudio do povinho, por bollas da mesma especie.

Logo adiante guincham os realejos á entrada das barracas onde se mostram as figuras de cera, os museus ambulantes de coisas raras e exquisitas, as mulheres que tem barbas, as que tem muitas banhas e muito cebo, as que estão carregadas de electricidade, e as que não tem nada d'isto, mas teem muito bons olhos e muito *salero* sovado, na barraca do café cantante, onde explusem n'um tiroteio de caçadores, as rolhas das garrafas de gazoza e de cerveja com algumas de *champagne* á mixtura para exaltação dos animos.

Junte-se a isto as baforadas que exalam os improvisados *restaurants* com cortinas de chita, dos seus enormes panellões de mexilhão e untadas frigideiras do peixe frito e iscas de figado; uma *mayonnaise* de aromas impertinentes, só susceptiveis de despertar appetites em estomagos avinhados.

E aqui temos em resumo o que é a feira de

Belem na sua expressão mais genuina e no seu aspecto geral.

A este cosmopolitismo de distracções e de extravagancia barata, toda Lisboa concorre durante os mezes de agosto e setembro, em grande affluencia, muito principalmente nos dias santificados, transportada em carros americanos, vapores, etc., que para alli fazem carreiras continuas.

Se os nossos avós cá viessem agora, e procurassem comprar na feira panno para uma mortalha nova, fugiriam espavoridos, por só encontrarem mortalhas... para cigarros.

Abençoada Eternidade que não tens mais decepções do mundo!

A. B. C.

TRES DIAS EM THOMAR

I

Viagens de recreio, annunciavam em lettras grandes em todas as esquinas os cartazes da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

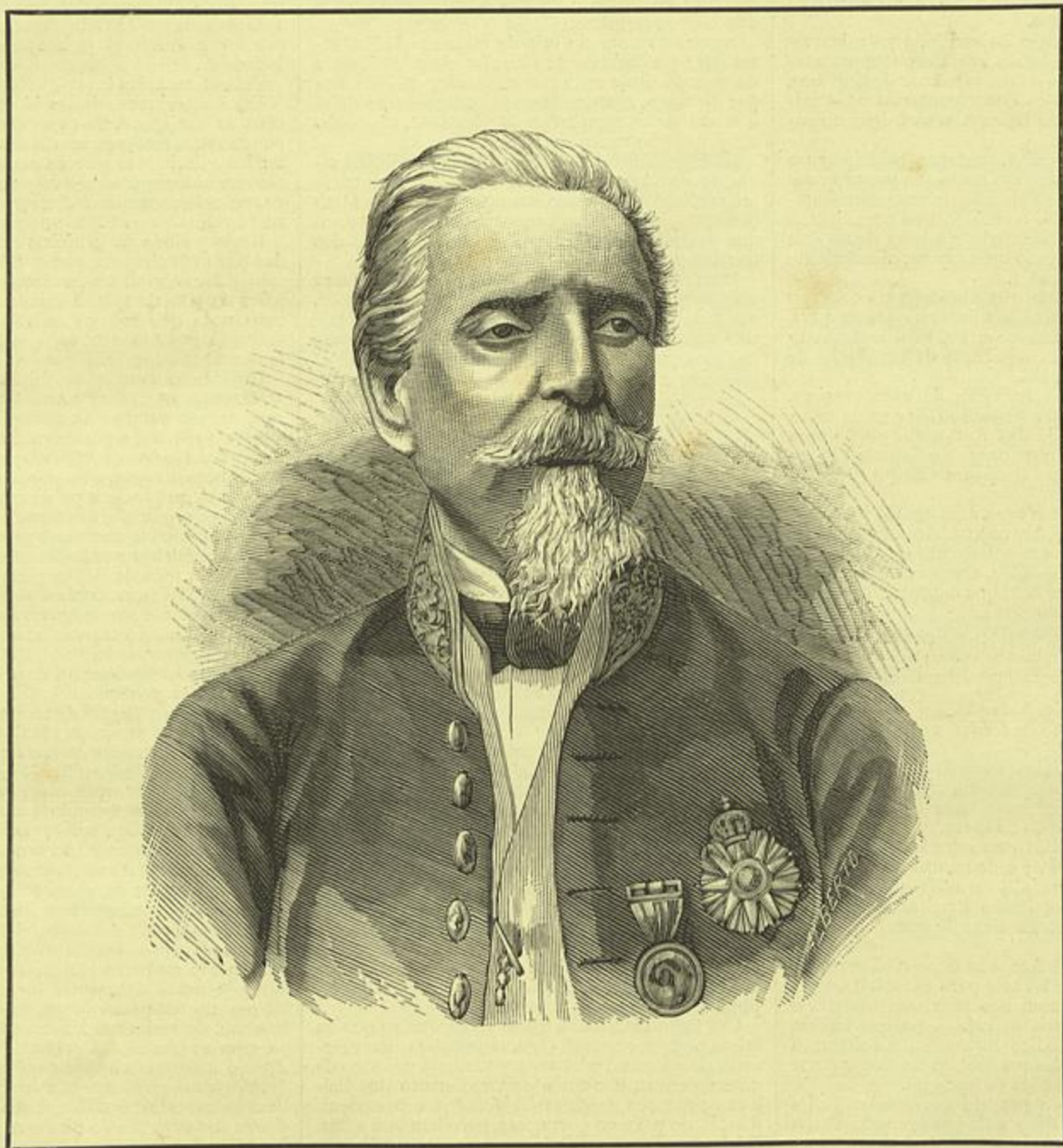
Pois vamos lá fazer uma viagem de recreio, decidi.

Ora eu, francamente, tenho medo das viagens de recreio que me pello. Primeiro porque já traduzi uma para o theatro da Trindade e só foi quatro noites.

E era engraçadissima essa *Voyage d'agrément,* muito mais engraçada que a minha viagem a Thomar; e a formosa e loura Visconti que n'esse tempo estava no theatro, fazia n'ella um papel explendidamente e fumava uma cigarrilha, encostada a uma mesa com um bello tom *cocotte* que nenhuma portugueza seria capaz de lhe dar: pois apesar de tudo isso, da graça da peça, do bom tom da Visconti, da cigarrilha bem fumada e do Mello irreprehensivelmente no seu papel, a peça foi só quatro vezes.

Decididamente a *guigne* não era da peça, era minha com as viagens de recreio.

Porque antes d'essa peça já as viagens de recreio me tinham pregado outra.

Foi em Coimbra, ha os seus dez annos, uma via-

Conde de Podentes — Fallecido em 19 de agosto de 1885 (Segundo uma photographia do sr. Carlos Relvas)

gem de recreio que eu emprehendi sósinho, e que ficou celebre nos meus fastos viageiros como uma das mais medonhas massadas da minha vida.

Sahi de Lisboa radiante, quando cheguei ao Poço do Bispo já o radiante estava muito abalado. Valeu-me a companhia d'uma senhora muito espirituosa que ia para Thomar e me soccorreu caridosamente com a sua interessante conversação.

Mas chegou Payalvo, e adeus querida companheira de viagem.

D'alli a Coimbra foi um somno mal dormido. Coimbra foi um pesadello. Estive lá doze horas, se tanto, que me pareceram doze seculos; a minha viagem de recreio foi um fiasco enorme, muito peior que o da Trindade: agradou-me muito menos a mim do que a traduzida agradára aos espectadores, e custou-me muito mais.

A minha *Viagem de Recreio,* da Trindade, sempre me deu uns doze mil réis: a de Coimbra, tirou-me mais de vinte e quatro.

*
* *

Pois apesar de tudo isso, resolvi aproveitar os cartazes da Companhia de Caminhos de Ferro e metter-me n'outra viagem de recreio.

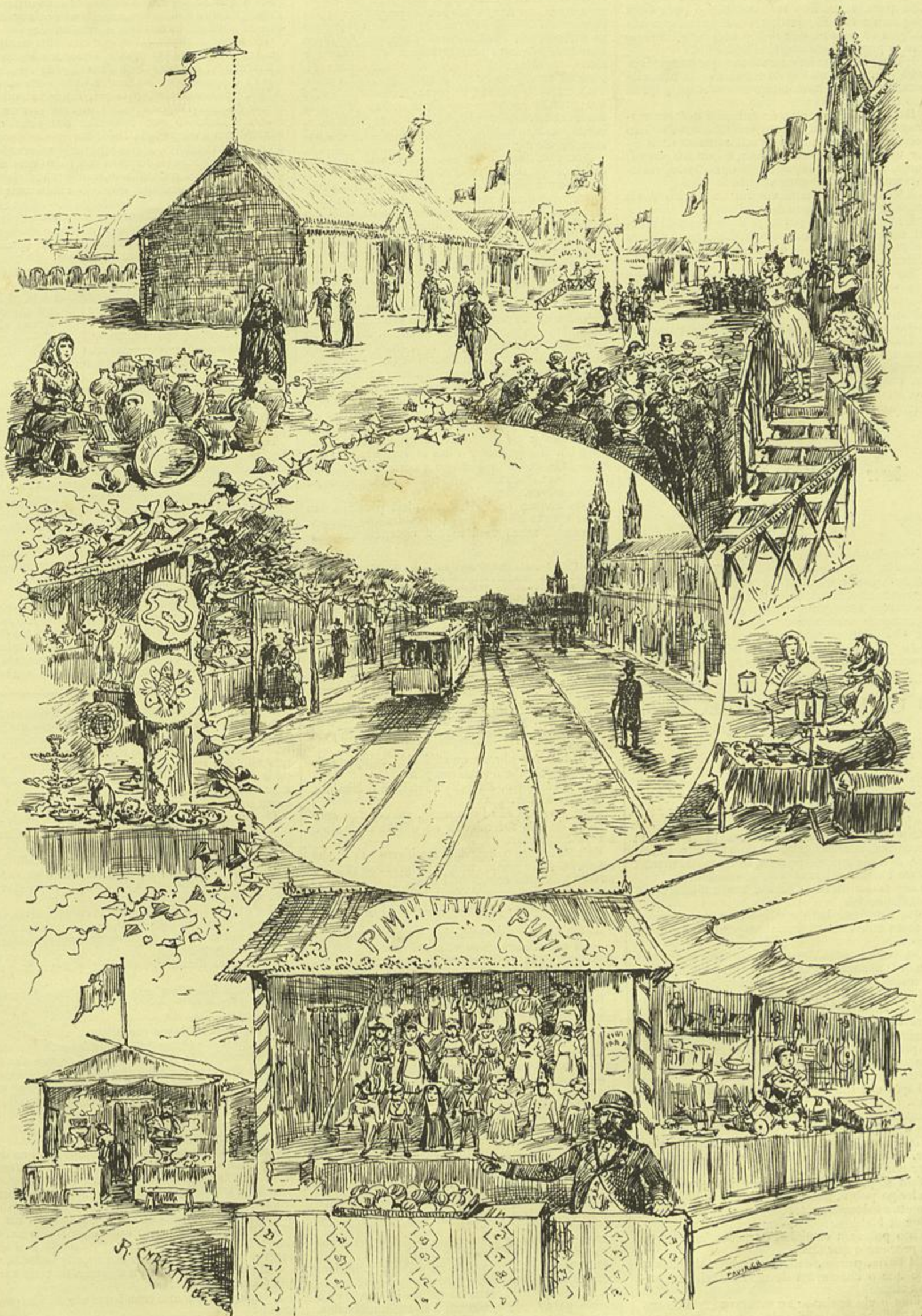
Um cunhado meu, e meu amigo muito antes de ser meu cunhado, ia para Thomar fazer o mesmo — como diria o sr. Mendonça e Costa — á posse d'um logar muito grave e pouco sympathico aos contribuintes.

Elle ia com sua mulher e seus filhos, eu fui tambem para Thomar com minha mulher e com a Sarah a minha pequena mais velha, que a outra, a Mimi, é ainda muito pequena para arrostar com as massadas dos prazeres d'uma viagem de recreio.

E a primeira d'essas massadas é a hora da partida do comboio. Ou muito cedo, ou muito tarde, ou ao amanhecer ou á noitinha. As horas agradaveis do dia são completamente desconhecidas á Companhia dos Caminhos de Ferro.

Quem emprehende uma viagem em Lisboa tem de optar: ou passar uma noite aos tombos dentro d'uma carruagem com uma luz mortiça que faz um somno que os solavancos da linha desfazem immediatamente, ou deixar a sua bella cama no melhor do somno e levantar-se com o sol.

Do mal o menos, optar pela madrugada.

Ás oito horas em ponto, muito aborrecido, muito sonolento ainda, estava dentro do meu va-

A FEIRA DE BELEM (Apontamentos do natural por J. Christino)

gon e interrogando o destino porque a companhia portugueza não tem ao menos para estas viagens de recreio, um horario especial, que não obrigue as pessoas que se vão recrear a começar a festa por uma madrugada incommoda.

Dir-me-hão que isto é egoismo, que quem viaja, madruga, e que no fim de contas as oito horas da manhã são uma hora muito rasoavel, para quem não é preguiçoso.

Bem sei: mas o que é verdade é que aos madrugadores, ás pessoas que se levantam ás cinco horas da manhã, não custa inteiramente nada fazer uma viagem ás onze horas, e que aos preguiçosos, aos que se levantam ás onze horas, custa-lhes immenso fazer uma viagem ás oito.

E pelo menos n'uma viagem de recreio devia attender-se aos preguiçosos.

Eu bem sei que a preguiça é um peccado mortal, mas se não houvesse quem desse gasto a esses pobres peccados, para que demonio serviam elles n'este mundo.

Eu cá dou-lhe todo o gasto que posso, e é por isso mesmo que deixo para o outro numero a continuação da minha viagem, a minha chegada a Thomar, a descripção da entrada da cidade, o primeiro encontro com o formoso Nabão, paisagem deliciosa que o OCCIDENTE dá hoje em gravura, feita sobre a excellente photographia do sr. Silva Magalhães, um jornalista photographo residente em Thomar, e que terei occasião de apresentar aos meus leitores.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

Soror Anna Maria do Amor Divino

1774—1803

(Continuado do n.º 243)

Não obstante, um periodo houve em que a nossa chronista teve esperanças na rehabilitação moral das suas irmãs, que tão extraviadas andavam do bom caminho. Deixemol-a falar a ella.

«*Porem Deus parece que já enfadado de tantos peccados determinou abrir algum tanto os thesouros da sua misericordia sobre esta casa. No anno de 1679 prégou uma ferverosa missão n'esta villa o veneravel padre frei Antonio das Chagas. Como tinha militado n'esta praça, onde fôra capitão de infanteria, no tempo dos seus desenfados, que lhe mereceram o renome de capitão Bonina,* (1) *quando já missionario apostolico no Varatojo, fundação sua, quiz vir aqui prégar com a voz, e corrigir seus escandalos com os exemplos da sua santa vida. Prégou varias vezes em a nossa egreja ao povo, e outras só ás freiras, ás portas fechadas. Este foi um grande soccorro que Deus enviou ás poucas madres observantes; porque ao trovão evangelico, que atroava no pulpito, cahiram raios de graça nos corações de algumas freiras.*»

Antes de desfazer um pouco na desculpavel credulidade de soror Anna Maria do Amor Divino, cumpre-me pôr em relevo duas curiosidades historicas que dizem respeito a frei Antonio das Chagas, uma de pouca ou nenhuma monta, qual é a de elle ter sido capitão de infanteria, e não de cavallos, como até hoje tem affirmado os seus biographos; outra, de elle haver merecido a poetica e significativa alcunha de *Bonina*, de que não encontrei noticia em nenhum outro livro que se lhe referisse.

Mas, vamos ao que importa. Como é que as prédicas do Varatôjano calaram tão efficazmente no animo das freiras que as ouviram, em 1679, se em 1691, o padre João Alvim, geral da ordem, mandava imprimir, e no anno seguinte se publicava um papel impresso na officina de Miguel Deslandes, pondo em execução a primitiva regra de Santa Clara, a que tão alheias andavam as freiras de Setubal? E, como é ainda, que as revolucionarias monjas se insurrecionaram contra a que ellas chamavam *a lei nova*, dividindo-se a communidade em dois partidos, o das *observantes*, e o das *relaxadas*, como lhes chama a chronista; ou, para falar com menos azedume, o das *progressistas*, e o das *conservadoras*.

Esta divisão das freiras em dois partidos, em breve trouxe comsigo os seus resultados naturaes, fazendo-se sentir com toda a violencia nas eleições a que se procedeu ao findar o seu triennio a madre Luiza Catharina, e ao tratar-se da nomeação da nova abbadessa que a substituisse.

De trinta e cinco votos que entraram na urna, quinze recahiram na madre Theodora Maria da Encarnação, *que não guardava a vida em commum;* e apenas dez na madre Ursula Maria dos Anjos, que era *observantissima*, influindo tambem n'este resultado alguns padres, *dos que mettem almofadas debaixo dos cotovellos das penitentes*, accrescenta a despeitada chronista, que pertencia, como se deve conjecturar, ao partido conservador!

O padre delegado do Provincial deu esta eleição por nulla, e passados dois dias mandou proceder a novo escrutinio, obtendo ainda mais um voto a madre Theodora, candidata das *relaxadas*.

Então, continua a chronista, *o padre delegado, vendo que não podia vencer a teima mulheril*, annullou outra vez a eleição por sua conta e risco, nomeando a madre Theodora, abbadessa, contra a expressa indicação d'aquelle suffragio popular em miniatura.

A esta violencia eleitoral seguiu-se um pleito, hoje chamar-se-hia protesto, que durou dezeseis mezes, procedendo-se ao cabo d'elles a nova eleição, e, — esta é que ninguem espera! — saindo eleita por unanimidade a mesma madre Theodora, a quem as *relaxadas* tinham movido tão crua guerra!

A' vista d'este exemplo vá lá um futuro legislador dar ás mulheres o direito de votar!

Por este tempo, pouco mais ou menos, entrou para o convento um confessor, de quem a nossa chronista occulta o nome, que, vendo-se em tão boa companhia, resolveu não largar a capa nas mãos de nenhuma das gentis reclusas, e tão galhardamente se houve, que foi necessario um regio aviso, assignado pelo ministro de estado marquez de Ponte de Lima, para pôr o lobo fóra do redil, apesar do depoimento das freiras lhe haver sido favoravel!

Eis como soror Anna Maria do Amor Divino se expressa com relação a este padre anonymo, que tantas almas ia perdendo, se o marquez de Ponte de Lima não intervem no caso: «*Apenas se viu cá dentro começou logo a ganhar todos os corações, e quando julgou preparada a materia, foi insinuando maximas relaxadissimas e projectos correspondentes para as pôr em pratica, introduzindo no convento religiosos de fora d'elle, a pretexto de nos auxiliarem nos officios de defuntos, e almo-*

(1) Frei Antonio das Chagas foi, como é sabido, um poeta muito acceito á sociedade elegante do seu tempo. Ribeiro Guimarães, no seu *Summario de Varia Historia* e no capitulo intitulado *Costumes e modas velhas*, transcreveu os artigos da pragmatica *turina*, a que era obrigado todo o bom *faceira*, isto é, aquillo a que nós hoje chamamos janotas, e logo na cabeceira do codigo lê-se: *Tomara de cor os romances do Chagas, gabando-lhes muito as doçuras, como se fôra aquelle mel para a sua bocca.*

Não admira pois que os noviços do convento de Setubal soubessem tambem de cór as poeticas impiedades do venerando missionario apostolico.

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 241)

VIII

Mais obstaculos

Não estava todavia inteiramente perdida a carta que jogara.

Já proximo do seu destino, n'uma aldeia em que descançara, veiu perguntar-lhe um lavrador se elle seria o frade em busca do qual n'aquella manhã tinham ido alli os creados do governador.

Com maior razão se furtou ainda d'esta vez a tamanha honra.

Mas ficou perplexo e quiz saber que motivos de tanto interesse inspirava um pobre frade mendicante.

O lavrador então disse-lhe que não era por mal que quizessem fazer ao frade, antes por bem d'elle e serviço de Deus, pois se tratava de certo malvado que fizera umas mortes em Lisboa e roubara o convento em que servia, indo refugiar-se entre os ciganos que agora haviam sido presos e o tinham em seus depoimentos denunciado.

Apressou-se a ratificar a sua negativa e agora com mais razão e mais vontade do que nunca.

Nem desejou saber de mais nada.

O que elle tratou foi de safar-se d'alli quanto antes.

Mas, de tal modo se atrapalhou que nem atinava com a porta por onde entrara.

Tinha uma grande necessidade de respirar o ar livre, que era na verdade o que lhe começava a faltar nos pulmões.

D'ahi, se por um lado o favorecia o seu disfarce de clerigo pobre, tambem por outro lado o comprometta solemnemente.

Que di bo!

N'isto poz-se a caminho, ao acaso, sem norte, sem precisar o que fazia.

Mal havia, porém, dado meia duzia de passos, ouviu que o chamavam de uma maneira expansiva e alegre.

Olhou e viu apeiar-se ao mesmo tempo de sua nedia mulinha, encaminhando-se para elle de braços abertos, prazenteiramenté, sua reverendissima o capellão do governador das armas.

Foi como se descarregassem sobre elle um peso esmagador.

Mas ha uma phrase que dá idéa completa da situação: caiu lhe a alma aos pés.

Mas o encontro, em vez de fatal, foi felicissimo, foi enternecedor.

Nunca se viu tão lisongeado, pelo que se convenceu de não ser inferior ao officio de frade o officio de delator.

Offereceu-lhe o capellão familiarmente a sua ampla caixa de prata, em que se foram ao velhaco os olhos de uma cubiça maliciosa.

— Desde hontem, disse-lhe, como quem dá grande novidade, que nós andamos todos á sua procura.

— Oh! vossa reverendissima confunde-me...

— A nossa obra ainda não está acabada, proseguiu o capellão, como quem diz um segredo, chegando-se-lhe ao ouvido e assobiando muito as palavras.

Depois bateu-lhe no hombro com certa satisfação de quem dá uma boa nova, e concluiu:

— Precisamos de si.

Aproveitou logo o velhaco a boa occasião que se lhe proporcionava de ir igualmente, pela sua parte, encaminhando os seus negocios.

— Tambem eu preciso de vossa reverendissima, disse elle.

— O que quer?

— Não é de mim que se trata, acudiu logo, mas de um grande acto de justiça, de uma grande caridade.

— De accordo, observou prazenteiramente o capellão, dando-se ares de diplomata habil. Convenho. É uma troca de serviços que se vae estabelecer entre nós. Diga-me primeiro em que lhe posso ser util, que depois lhe direi em que deve servir-me.

O *Frade* não se fez rogado. Foi logo sem rodeios direito ao fim que se propunha.

Os editos que haviam sido affixados promettiam certo premio pecuniario a quem descobrisse os terriveis caçadores de carne humana, e elle pedia esse premio para Ondina, victima d'aquelles malvados.

Explicou o papel que ella tinha representado em toda aquella intriga, referiu com todas as côres apropriadas o genero de supplicio que lhe haviam infligido, e fez sentir a sua reverendissima que havia além d'isso mais alguem a gratificar, pois que elle, em razão do seu caracter religioso, em nada se envolvera, e fôra a cigana quem associara á sua empreza um outro companheiro, que por certo havia de querer a paga do seu serviço.

O capellão ouviu-o attentamente, e depois de uma breve pausa, em que consultou a sagacidade do seu espirito, respondeu:

— Não ha duvida nenhuma. Hoje mesmo lhe será entregue a quantia promettida. Agora quanto a essa segunda pessoa de que me fala é que havemos de nos entender.

O *Frade* beijou a mão a sua reverendissima, em nome da cigana que protegia, e emquanto os seus padecimentos lhe não permittiam a ella agradecer-lhe pessoalmente.

Quem o conhecesse, e o estivesse ouvindo, pasmava.

Ninguem iria dizer que era elle essa segunda pessoa de que se tratava e de que o capellão promettera falar-lhe.

Pozeram-se ambos a caminho

Chegados a palacio o capellão hospedou-o nos seus aposentos, e depois de o ter embolsado da quantia de que os editos haviam feito promessa para quem descobrisse o esconderijo dos ciganos que infestavam a provincia, voltou-se para elle e disse-lhe:

— Agora eu.

Tinham chegado ao ponto culminante.

Dos depoimentos feitos pelos presos da caverna, o capellão, com a sagacidade de que se jactanciava, concluira coisas bem singulares.

— Venha cá, lhe disse com familiaridade protectora. Está convencido de que essa confessada sua por quem se interessa não illudiu a sua boa fé?

— Que maior attestado quer vossa reverendissima? Ella está horrivelmente mutilada e ainda hontem não voltara ao uso das suas faculdades.

— Pois eu affianço-lhe, a despeito de tudo isto, que foi enganado.

E como quem mette uma lança em Africa, proseguiu:

— A cigana tem um amante, percebe? e foi por

çando cá dentro: acção em que a conversação alegre era o melhor sequilho para o chocolate, á custa do silencio, gravidade e circumspecção do nosso estado.»

Pelo menos que o padre era esperto, é do que se não pode duvidar, e mais veja-se como elle, a pretexto de auxiliar as freiras nos officios de defuntos, lhes ia tomando o chocolate e ao mesmo tempo desenferrujando a lingua com alegres propositos.

Diz mais a inimiga do padre: *que o confissionario se transformára em um continuo palratorio, tanto mais perigoso quanto mais escondido;* e brada em altos clamores contra *o projecto que o padre trazia em principios de execução de mandar abrir uma porta para a clausura, com grave escandalo publico, porque a porta era na tribuna da igreja, da qual os padres confessores tinham a chave!*

Então, querem-n'o mais claro?

Felizmente, para credito das freiras de Setubal, um requerimento da abbadessa dirigido á rainha, cortou os vôos á aguia, e deu em resultado o regio aviso de que já falei, assignado pelo marquez de Ponte de Lima. Sabe Deus com que vontade, elle que andava avesado ás facecias de Nicolau Tolentino, e é de crêr que farto das nigromancias religiosas da sua real ama, a Sr.ª D. Maria I, de taciturna memoria.

Tão entre dentes a freira trazia o clerigo que, já quando d'elle se não tratava, voltou de novo a retratal-o com estas sombrias côres: *«Esteve n'este confissionario, não ha muitos annos, um padre que representava alguma coisa, e em sua bocca era coisa grande; mas de verdade era coisa tão pouca em virtudes, que em outros seculos o não teriam aqui soffrido, e ainda n'estes escuros tempos com repugnancia o supportaram anno e meio.»*

Como o leitor já terá apurado d'este, e d'outros excerptos, a madre Anna Maria do Amor Divino era mulher de agudo engenho, seguro criterio, e notavel tendencia para escriptora. Apesar dos regêllos do isolamento conventual, e dos achaques que a perseguiram nos ultimos annos de vida, a auctora das *Memorias Historicas* conservou sempre intemeráta a sua veia critica, e desempoeirada a sua lucida intelligencia.

Além d'estas qualidades, o livro de soror Anna Maria contém um abundante peculio de informações genealogicas, que os curiosos d'estas frioleiras podem consultar com proveito.

De quem foi filha? De que edade entrou ella para o convento? Ignoro uma e outra coisa. Sei apenas que professou em 1774 e que terminou o seu livro em 1803, mas, como não é sabida a edade com que entrou para o claustro, não posso affirmar se as enfermidades de que a freira se accusa foram prematuras, ou resultados naturaes da longevidade.

Seja como fôr, o que soror Anna Maria do Amor Divino salvou do naufragio foi o juizo, que é geralmente a primeira coisa que os naufragos perdem nos baldões da grande viagem para a Eternidade.

L. A. Palmeirim.

RESENHA NOTICIOSA

Nomes novos de ruas. Obras novas em casa velha, perde-se o feitio e o tempo. Tal tem sido o que tem succedido á Camara Municipal de Lisboa na insensatez com que tem andado a mudar os nomes ás ruas, para confusão dos archeologos, dos proprietarios, dos correios, dos cocheiros, dos habitantes que saem da patria por um e mais annos. Todas as honrarias prestadas aos grandes homens da nossa epoca, são padrões da nossa gratidão, mas prestemos-lh'os em cousas novas. Tem a Camara a abrir novas ruas, dê-lhe os novos nomes, gloriosos e elles ficarão permanentes, porque ninguem lhe conheceu outros, mas assim como ninguem diz *Rua de Garrett*, mas sim Chiado, assim como 99 centessimos da população de Lisboa não sabe o verdadeiro nome das ruas do Ouro, da Prata, do Arco do Bandeira, dos Capellistas etc., assim tambem nunca saberá talvez nunca o da Carreira dos Cavallos, das ruas de S. Francisco, Nova dos Martyres. Nem tem razão de ser a mudança: nenhuma relação ha entre essas ruas e os, já celebres exploradores e nenhuma ainda entre ellas e a Sociedade de Geographia, que está á esquina da Travessa da Parreirinha, como já esteve na rua do Alecrim e como pode estar ámanhã no Campo de Sant'Anna (lá me esqueceu o novo nome) na Calçada do Combro, no Rocio (outro-estenderete) ou na Patrialchal (outro) em quanto não tiver casa propria. Os, aliás illustrados vereadores não pensaram nos transtornos do registo predial, da correspondencia externa e outros que d'ahi podem provir. Mas ainda assim, ao menos já que estas cousas são para affirmação da vitalidade portugueza, ao menos escrevam-nos em linguagem portugueza: *Rua Ivens, Rua Capello, Rua Anchietta, Rua Serpa Pinto*, são quatro erros para juntar ao da *Travessa cata que farás*, ponham ao menos em portuguez: *Rua do Capello, do Anchietta, do Serpa Pinto, do Ivens* que o povo já diz *Ivens* ou *Ives*, e emendem a outra que sempre foi *Travessa do cata que farás*.

No Porto faz-se o mesmo, com mais sensatez, porque os nomes dos illustres exploradores vão ser dados a ruas novas.

Reorganisação das alfandegas. Publicou-se ha dias este esperado codigo, composto de varios decretos, que reorganizam completamente este importante ramo de serviço publico. Não temos espaço, nem podemos analysar em todas as suas partes este grande corpo de legislação, em que ha muito se trabalha, e que é o resultado de longos estudos, muitos conselhos e opiniões. É possivel que ainda depois d'isto haja alguma coisa que corrigir, mas importa muito que haja finalmente um regimen uniforme que acabe com a anarchia até aqui existente. Uma das medidas mais importantes é a que converte o corpo de fiscalisação externa, em um corpo perfeitamente militar, sujeito ao serviço e disciplina militares, era porém mister que para se conseguir a perfeição d'essa medida, se fizesse o mesmo que com as guardas municipaes, isto é, que os officiaes que o dirigissem pertencessem ao effectivo do exercito, ou pelo menos ao quadro dos reformados, que ainda estão capazes de algum serviço; de outro modo nunca tal corpo poderá corresponder aos similares das outras nações, nem poderá ter a importancia e educação militar convenientes, não a tendo os seus officiaes, e pelos serviços a que póde ser chamado, poderá dar logar a contingencias e conflictos entre os seus improvisados officiaes, e os do exercito. O exercito esperava outra coisa d'esta refórma que olhava com olhos desconfiados e receiosos, e parece que não se enganou nos seus receios. Ainda é tempo de por meio de resoluções e regulamentos sensatos, evitarem os defeitos da organização e remediarem o que ella apresenta de pouco pensado e menos sensato.

Sociedade humanitaria do Porto. Esta benemerita sociedade apresentou um projecto, com estatutos organizados, para a construcção de mil casas para as classes menos favorecidas da for-

---

elle e não por arrependimento dos seus peccados que se prestou a denunciar os companheiros.

— Que me diz vossa reverendissima?!

— A verdade. E sabe quem é esse amante?

— Talvez um tal José, de quem agora me recordo ella falava ás vezes.

— Deve ser isso, confirmou o capellão. Ora esse José anda ha muito fugido á justiça. Fez umas mortes em Lisboa e roubou os frades de Santo Eloy, que não são, como sabe, muito espertos. Nos queriamos filal-o; que lhe parece?

O *Frade* respondeu inalteravel:

— Parece-me que seria até um serviço prestado á alma d'aquella infeliz mulher.

— Pode auxiliar-nos n'este sentido? podemos contar comsigo?

— E onde havemos de o encontrar? Ella é capaz de me enganar outra vez.

E pondo os olhos no céo murmurou:

— Ah! pae do céo! Vão lá fiar-se em mulheres!

— Tenho uma idéa, juntou o capellão, de certo modo jactancioso.

— Diga, diga.

— Não se dê por sabedor de coisa alguma; entregue-lhe o dinheiro, e quando lhe parecer que ella está completamente fascinada, diga-lhe que o governador tem igual quantia reservada para o valente rapaz que dirigiu a empreza. Um pouco de tactica, percebe?

— Perfeitamente.

— Elogie-lhe a bravura, mostre-se grande admirador do feito por elle praticado, diga-lhe que não tem preço o serviço que elle prestou, e depois elle proprio se nos entregará.

— Mas, juntou com fingida tristeza o velhaco, eu recordo a vossa reverendissima uma coisa.

— Que é?

— O estado de loucura em que a cigana está não lhe permitte sequer ligar uma idea. Como ha de...

O capellão não o deixou concluir.

— Tem razão, tem. Mas ficará eternamente louca?

Chegara o momento de affirmar a sua superioridade. O *Frade* ergueu-se cheio de resolução e disse-lhe:

— Antes d'isso havemos de fazer alguma coisa. Tive uma idea e estou que nos havemos de applaudir d'ella.

— Confio em si inteiramente.

Separaram-se.

«Temos homem», dizia comsigo o *Frade*, agora um pouco mais animado e affagando na mente uma esperança que lhe começava de novo a sorrir.

Não podia considerar-se infeliz de todo.

Se não era homem que valesse por dois, era homem que representava por dois, e além d'isso pessoa muito capaz de tirar todo o partido d'essa dupla individualidade, que, sem o querer, sem pensar mesmo nas conveniencias que d'alli lhe podiam advir, acabava de alcançar

Applaudia-se da idea que tivera e sobre tudo do dinheiro que apanhara.

Nunca se vira tão rico.

Começou a pensar na applicação que havia de dar áquelle dinheiro, e phantasiou um projecto de vida honrada.

Podia estabelecer-se muito bem ou comprar uma geira de terra.

Ondina talvez melhorasse, era muito provavel que desapparecesse aquelle estado de loucura em que a encontrara.

Voltaria ao uso da sua razão, mas ficaria defeituosa para sempre.

Aquellas cicatrizes haviam de imprimir na sua face signaes indeleveis que lhe dariam uma expressão repugnante ao rosto e uma expressão horrivel que a tornaria ridicula aos olhos de todos, que nunca mais se apagaria da sua face como um eterno stigma impresso pela mão brutal do despeito vingativo de um homem selvagem e feroz!

Era realmente triste.

Elle havia de olhar para ella sempre com o remorso na alma.

Nunca acharia maneira de consolar-se de um tão grande infortunio.

Mas afinal era natural que se habituasse a vel-a assim desfigurada e lhe não parecesse tão horrivel esse espectaculo: quem o feio ama bonito lhe parece.

Ora tudo lhe dizia que amava Ondina sinceramente. Tinha-lhe uma affeição cuja origem se remontava aos bellos dias da sua infancia.

Tudo isto, porém, eram phantasias inuteis que na pratica dariam quando muito um absurdo, mas que podiam leval-o sem remissão alguma á forca.

Era serio e era grave.

A fatalidade parecia impellil-o para o abysmo.

Dizia-lhe a consciencia que já não podia deixar de ser o que havia sido até alli, um salteador de estrada, um simples ladrão.

Era o destino.

Seria feliz a seu modo, dentro da esphera das suas aspirações.

Poz-se a caminho, só, sem esperar que se lhe juntassem uns recoveiros que andavam na estrada e lhe conheciam os perigos

«Ladrão não furta a ladrão», pensou elle; e partindo d'este principio não cuidou mais no perigo a que se arriscava de ser roubado.

Mas ao cair da noite, e justamente a meio de um pinhal extenso que devia atravessar, o animal em que montava começou a mostrar-se inquieto.

Sacudia a cauda, arrebitava as orelhas e tomava o folego, abrindo muito as ventas.

O *Frade* chegou-lhe as esporas e olhou em redor de si com certo receio de que andasse lobo por alli proximo, mas o animal não queria avançar.

Havia na sua frente o quer que era que o intimidava.

N'isto sentiu-se agarrado e viu diante dos olhos brilhar a lamina de um punhal.

— Apeie-se e ponha para ahi o que traz, ó seu fradinho da mão furada.

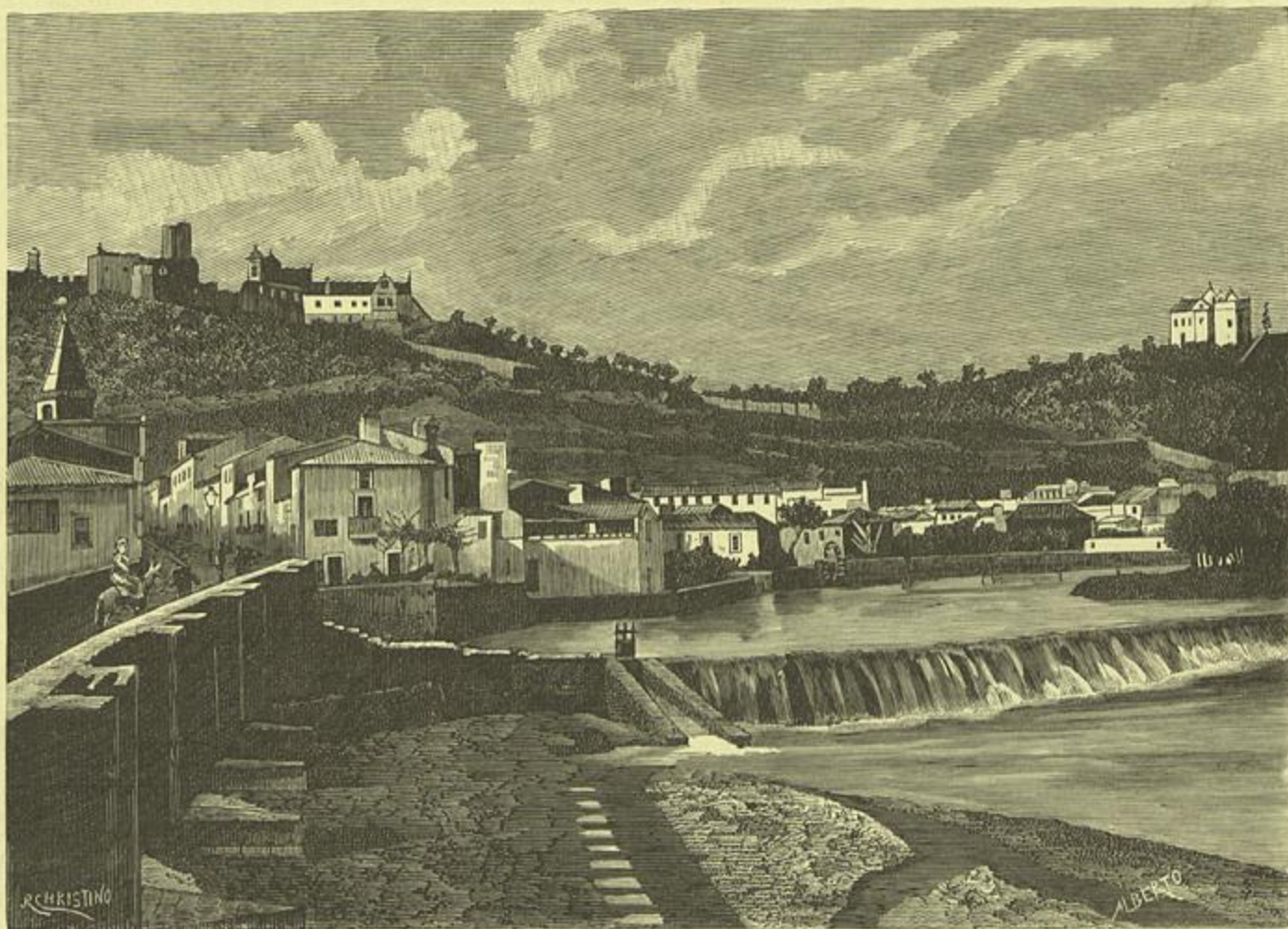
Nem teve tempo para tomar o caso a serio. Aquella voz era sua conhecida e não se podia confundir com nenhuma outra.

Soltou uma gargalhada muito franca e disse de uma maneira jovial:

— Que diabo! vocês não conhecem já o *Frade?*

E achou-se de subito nos braços dos quatro companheiros da noite como bom e certo amigo que era.

Mas este encontro affigurou-se-lhe nova contrariedade. Trazia na algibeira uma quantia bonita de mais para ser repartida por aquelles scelerados.

(Continúa) *Leite Bastos*

UMA VISTA DE THOMAR — ENTRADA DA CIDADE (Segundo photographia de A. S. Magalhães)

Vid. artigo "Tres dias em Thomar"

tuna, cujo custo de construcção não excederá a 300$000 réis, afim de poderem ser alugadas, ou vendidas em prestações aos individuos d'aquellas classes, sem que o juro do capital empregado n'aquella empreza possa ser superior a 5 por cento. Já no Porto se teem construido casas para operarios e lembra-nos de uma grande correnteza d'ellas, proximo da Rua de Camões. Em Lisboa o que se tem feito n'este sentido é nada. Não basta porém isto. Ha outras classes que ainda soffrem mais do que as operarias. Em geral o funccionalismo e os militares, muito mal retribuidos, com vencimentos enormemente inferiores aos das outras classes, e á representação que tem que ostentar, e consideração que devem ter, vêem-se muito constrangidos, e até os de patentes superiores teem que residir em sitios affastados do centro das cidades e em terceiros e quartos andares, emquanto a burguezia enfatuada occupa os primeiros e segundos. Depois o pagamento adiantado das casas, sete mezes e cinco dias antes de se haver concluido o semestre representa um gravame consideravel nas finanças do proletario e funccionario, e um juro enormissimo para o proprietario, que frue durante mezes todos os interesses de um capital, que só ao fim d'elles é verdadeiramente seu. Estes factos que teem dado logar a agitações em outras capitaes da Europa, teem recebido alli o necessario remedio. Em Paris e Madrid os arrendamentos são mensaes, e na primeira, antes de Thiers, eram apenas trimestaes. Isto reclama prompto e inadiavel remedio dos poderes publicos. As casas para operarios e proletarios, baratas, e os arrendamentos a prazos curtos são duas medidas indispensaveis para a melhor economia das classes menos favorecidas, em presença das condições da vida moderna.

FEITICEIRA REHABILITADA. Em 1692, por effeito de queixas apresentadas por Edward e Jonathan Putner, fôra presa Rebecca Nourse, dizendo-se que esta exercera artes de feiticeria sobre Anna Putnam, Maria Wolcott e outras. Trazida a juizo, Rebecca com mais quatro accusadas e produzida a accusação, iam ser postas em liberdade em Boston, onde o *veredictum* do jury lhes fôra favoravel, quando em virtude do aspecto feroz e ameaçador do auditorio, o jury recolheu de novo e deu o crime por provado. Rebecca e as suas companheiras foram enforcadas a 19 de julho d'aquelle anno, tendo sido dias antes levadas carregadas de cadeias á egreja, onde dois padres as excommungaram. Os seus corpos foram lançados sobre os rochedos, havendo recolhido a familia de Rebecca, piamente os seus despojos. Foi agora levantado um monumento funebre a Rebecca Nourse, no cemiterio de Daavers no Massachussets, sobre o tumulo d'ella, sendo dois sacerdotes encarregados de fazer a dedicatoria d'elle.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS... *David Corazzi, editor. Empreza Horas Romanticas: Administração, 40, Rua da Atalaya, 52, Lisboa, Filial no Brazil: 38, Rua da Quitanda, Rio de Janeiro.* Recebemos o fasciculo 114, *Os Insectos*, por Victor Ribeiro, naturalista — obra illustrada com 31 estampas. É mais um voluminho de historia natural em que se trata especialmente o interessante ramo do reino animal de tão variadas fórmas e variegadas côres.

OS ALIENADOS EM PORTUGAL. *II Hospital do Conde de Ferreira*, pelo Dr. A. M. de Senna, professor cathedratico na faculdade de medicina, na Universidade de Coimbra, em commissão na direcção do hospital de alienados do Conde de Ferreira. Porto, Imprensa Portugueza, 1885. É o segundo volume que sob o titulo que precede esta noticia, publica o sr. Dr. Senna. No primeiro volume tratou o auctor a *Historia e Estatistica* relativa aos alienados; no presente volume descreve o auctor o *Hospital do Conde de Ferreira*, estabelecido no Porto, onde foi inaugurado em 1883, conforme se póde vêr no 6.º volume do *Occidente*, a paginas 90, 91, 92 e 93, e acompanha essa discripção, de gravuras representando varias dependencias do edificio, com as respectivas plantas, mobilia e apparelhos empregados no tratamento dos doentes. É uma obra muita completa, feita com toda a profisciencia, onde se encontram indicações muito uteis para o estudo e tratamento dos alienados. A descripção do hospital é precedida de uma noticia sobre a sua fundação, instituida por disposição testamentaria do Conde de Ferreira, que destinou a melhor parte dos seus haveres para obras meritorias como esta e muitas outras em que a educação da infancia tambem teve farto qninhão.

TROPOS E PHANTASIAS. Virgilio Varzea e Cruz e Sousa, Desterro, Typographia da Regeneração, 1885. Este pequeno livrinho é cheio como um ovo, e nós muito desejavamos transcrevel-o na integra para proporcionarmos aos nossos leitores alguns momentos de alegre distracção, mas attendendo ao espaço, limitemo-nos a abrir o livro ao acaso extrahindo tambem ao acaso qualquer periodo:

«A vida d'ella era como uma orchestra, cheia, umas vezes de surdinas d'uma *sonorisidade* aerea, muito alta, arrebatante, como hymnos profundos, religiosos *fugidios* de cathedraes saxonias que *enterram as flechas no ceu*.»

Aparte as surdinas muito altas é o que se lê.

Outra pagina e outro periodo.

«Ella é a felicidade dos seus, porque os envolve n'uma luz cariciosa e doce, *creancilisante* e *vigorescente*, n'essa luz que só escorre dos olhares das mães e dos seios das auroras!»

A creancilisante e vigorescente são impagaveis, mas a luz a escorrer é de nos deixar encharcados. Adiante.

«Mas é porque tu és myope e os myopes não podem encarar o sol...

«Mas eu dou-te uns oculos feitos da mais fina pelle dos negros que tu azorragas...»

Já vêem que a melhor coisa para os myopes verem bem, são oculos de pelle.

Querem mais, tenham paciencia, não póde ser, porque temos mais noticias a dar e falta-nos espaço.

CHAPELERIA UNIVERSAL *de Victor Coutinho & C.ª, figurinos em phototypia das ultimas novidades do verão, offerecidos aos consumidores e revendedores d'esta casa. Deposito, Rua de Santo Antonio, 126 a 130, Porto.* É mais uma publicação que demonstra a importancia e o desenvolvimento que a industria da chapeleria vae tomando em Portugal, concorrendo vantajosamente com a industria extrangeira.

TYP. ELZEVIRIANA — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.